



ISSN: 2675-6811

REVISTA DE ANAIS DA SINC

v. (4), Edição
Especial, fev. 2021

Resenhas temáticas sobre metodologias de pesquisa
qualitativa em estudos organizacionais



REVISTA DE ANAIS DA SINC

Vol. (4); Edição Especial; fev. 2021

**RESENHAS TEMÁTICAS SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA
QUALITATIVA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**



FACULDADES INTEGRADAS ADVENTISTAS DE MINAS GERAIS

REVISTA DE ANAIS DA SINC

DIRETOR GERAL

Prof. M. Eng. Luis Daniel Pittini Strumiello

DIRETOR ACADÊMICO DAS FACULDADES

Prof^ª. Ma. Giuliana Sampaio de Vasconcelos
Coelho

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Bel. Tiago Barreto

DIRETOR PARA DESENVOLVIMENTO ESTUDANTIL

Pr. Sérgio Roberto Gomes

COORDENADOR DO CURSO DE PEDAGOGIA

Prof. Dr. Antônio Edmir Frota Fernandes

COORDENADORA DOS CURSOS DE PÓS- GRADUAÇÃO

Prof^ª. Ma. Lisiane Flores de Oliveira Strumiello

SECRETÁRIO GERAL

Bel. Vanessa Cristina Pacheco de Queiroz Manoel

EDITOR DA REVISTA

Prof. Me. Elvis Magno da Silva

BIBLIOTECÁRIO

Bel. Edvanildo Almeida de Sousa

INFORMAÇÕES BÁSICAS

A “Revista de Anais da SINC” é uma publicação anual de resumos de produções técnicas e científicas dos trabalhos apresentados na Semana de Iniciação Científica FADMINAS.

Ficha Catalográfica Preparada Pelo Setor de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da FADMINAS

Revista de Anais da SINC. Faculdades Integradas Adventistas de Minas Gerais. – v. 4, Edição Especial (fev. 2021) – Lavras, MG: FADMINAS, 2021.

Anual.
Descrição: v. 4, edição especial
ISSN 2675-6811

1. Iniciação Científica. 2. Artigos e Resumos. 3. Anais Congresso. I. FADMINAS. II. Título.

CDD 070
CDU 070:082.3

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Me. Elvis Magno da Silva, coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa – Presidente;

Prof^ª Ma. Giuliana Sampaio de Vasconcelos Coelho, diretora acadêmica;

Prof. Dr. Antônio Edimir Frota Fernandes, coordenador do curso de Pedagogia;

Prof^ª Ma. Elenice Barcelar Abbud, coordenadora dos cursos de Ciências Contábeis e Administração;

Prof. Me. Jonathan Gordim Conceição, coordenador do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

OBJETIVO

Esta revista destina-se a divulgação das produções técnicas e científicas de alunos e professores, internos e externos que foram apresentados no evento.

Direitos de Permissão de Divulgação

As opiniões emitidas pelos autores dos trabalhos são de sua de sua inteira responsabilidade.

Nenhuma parte desta publicação deve ser reproduzida sem a devida citação.

FALE CONOSCO

E-mail:
nap@fadminas.org.br

Telefone:
(35) 3829-3900

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| PALAVRAS DO CORPO EDITORIAL | 5 |
| PESQUISA QUALITATIVA NAS ORGANIZAÇÕES, METODOLOGIAS E ANÁLISES | 6 |
| Elvis Magno da Silva | |
| ANÁLISE DE CONTEÚDO | 13 |
| Raphael de Moraes e Rodrigo Cassimiro de Freitas | |
| GROUNDLED THEORY | 21 |
| João Luis de Sousa | |
| PESQUISA-AÇÃO | 29 |
| Elvis Magno da Silva | |
| HISTÓRIA DE VIDA | 38 |
| Raphael de Moraes e Rodrigo Cassimiro de Freitas | |
| HISTÓRIA ORAL | 44 |
| Raphael de Moraes e Rodrigo Cassimiro de Freitas | |

PALAVRAS DO CORPO EDITORIAL

Olá caros leitores, o objetivo desta edição especial é apresentar aos alunos de graduação (e demais pessoas interessadas no tema) alguns dos métodos qualitativos de pesquisa e mais especificamente na área de estudos organizacionais.

Essa edição especial se justifica devido a uma crescente demanda pela pesquisa qualitativa, haja visto que a pesquisa quantitativa não consegue responder algumas questões de pesquisa. Estes métodos qualitativos podem complementar as análises quantitativas ou até mesmo serem utilizadas como ferramentas únicas de pesquisa, tornando o trabalho do investigador puramente qualitativo.

Cabe ressaltar que nas pesquisas qualitativas não há a possibilidade de generalização das conclusões obtidas, mas possibilita conhecer um determinado fenômeno real com considerações importantes que possam auxiliar no entendimento de determinado problema.

Agradecemos a professora Valéria Brito do programa de pós-graduação em administração da Universidade Federal de Lavras pela idealização do modelo de resenha aqui apresentado bem como a escolha dos artigos. Agradecemos também aos autores que tão prontamente se propuseram a contribuir com esta edição especial.

Uma boa leitura à todos.

Ass. Corpo Editorial

RESENHA TEMÁTICA 1
PESQUISA QUALITATIVA NAS ORGANIZAÇÕES, METODOLOGIAS E
ANÁLISES

Me. Elvis Magno da Silva¹

¹Faculdades Integradas Adventistas de Minas Gerais – FADMINAS; Rua Joaquim Gomes
Guerra, 590 – Bairro Kennedy – Lavras, MG. Telefone: (35) 3829 – 3900;
elvis.magno@fadminas.org.br

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das obras resenhadas |
|--------------------------------------|--|
| Obra 1: Shelton (2004) | SHELTON, A. K. Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. In: Education for Information . 22 (2004) 63–75. |
| Obra 2: Jonsen, Fendt e Point (2018) | JONSEN, K.; FENDT, J.; POINT, S. Convincing qualitative research: what constitutes persuasive writing? In: Organizational Research Methods . Vol. 21(1) 30-67. 2018. |
| Obra 3: Oliveira e Piccinini (2009) | OLIVEIRA, S. R. de; PICCININI, V.C. Validade e refelexividade na pesquisa qualitativa. In: CADERNOS EBAPE. BR , v. 7, nº 1, artigo 6, Rio de Janeiro, Mar. 2009. |
| Obra 4: Latusek e Vlaar (2015) | LATUSEK, D.; VLAAR, P.WL. Exploring managerial talk through metaphor: Na opportunity to bridge rigor and relevance? In: Management Learning , Vol. 46(2) 211–232, 2015. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Às crescentes demandas por práticas baseadas em evidências, fez com que os pesquisadores buscassem novas maneiras de responder a difíceis perguntas de pesquisa, as quais usando somente os métodos quantitativos tornaram-se insuficientes.

Muitas vezes, essas questões dizem respeito a fenômenos humanos complexos que podem ser melhor respondidos usando métodos qualitativos. Desta forma, os estudiosos acham difícil

desafiar o desenvolvimento do conhecimento e a geração de teorias com base em descobertas de investigações de pesquisas qualitativas isoladas (LEEMAN e SANDELOWSKI, 2012). Para superar esse problema, pesquisadores (por exemplo, Paterson et al., 2001; Sandelowski e Barroso, 2007) desenvolveram métodos para analisar descobertas qualitativas de múltiplas investigações através de revisão sistemática (CAMPBELL *et al.*, 2011; FINFGELD-CONNETT, 2010).

Apesar dos numerosos esforços para desenvolver e articular métodos rigorosos de pesquisa qualitativa (por exemplo, Paterson *et al.*, 2001; Sandelowski e Barroso, 2007), poucas tentativas foram feitas para descrever de forma específica e precisa os processos de análise de dados.

Em seu trabalho relacionado à revisão sistemática qualitativa, Noblit e Hare (1988) sugeriram que, uma vez que o gênero de pesquisa é novo, as estratégias de pesquisa e análise de dados qualitativos surgirão ao longo do tempo e devem ser estudadas e disseminadas.

2 RESUMO DAS OBRAS

2.1 Resumo da primeira obra: Shelton (2004)

Shelton (2004) comenta sobre a questão da validade e confiabilidade das pesquisas qualitativas. Isto porque a pesquisa qualitativa, segundo o autor, vem sendo criticada pela falta do rigor metodológico, descredenciando pesquisas na área.

Com o fim de solucionar ou ao menos minimizar, o autor coloca quatro itens que os pesquisadores qualitativos devem se atentar ao fazerem suas pesquisas, a saber: a) credibilidade (dê preferência a validade interna); b) transferibilidade (em preferência a validade externa / generalização); c) confiabilidade (em preferência a confiabilidade); d) confirmabilidade (em preferência à objetividade).

Outros dois pontos são destacados ao final do trabalho, a triangulação de dados e a descrição metodológica. Durante a triangulação, ou no uso da triangulação, confere-se a pesquisa um menor viés, melhorando sua robustez científica das conclusões ou considerações finais. E no tocante a descrição metodológica, fica claro para o autor que os pesquisadores qualitativos devem cuidar para explicar os passos dados na elaboração e execução da pesquisa, garantindo

desta forma que outros pesquisadores possam dar os mesmos passos para chegar as mesmas considerações.

2.2 Resumo da segunda obra: Jonsen, Fendt e Point (2018)

Nesta segunda obra, os autores surgem uma categorização de uma pesquisa qualitativa atraente e convincente: a) retórica, b) habilidade, c) autenticidade, d) reflexividade, e e) imaginação.

A **retórica** é a *expertise* do discurso, a capacidade de informar, persuadir e envolver o público. Por **habilidade** epistemológico e metodológico, os autores querem dizer, antes de mais nada, a perícia conceitual e técnica dos métodos e ferramentas aplicadas, e sua interação, como são apresentadas ao leitor. Autenticidade é, a jornada do pesquisador, seu envolvimento e empatia de que ele ou ela tenha realmente "estado lá". A **reflexividade** diz respeito à pesquisa em todos os aspectos, mas principalmente ao resultado, a contribuição substantiva. A redação final propõe algo distintivo, uma contribuição singular. Por **imaginação**, os autores querem dizer a capacidade de capturar a própria essência de uma realidade social e sustentá-la diante do leitor, no modo de escrever.

Os autores ainda terminam comentando que uma vez escrita, a pesquisa qualitativa pode ainda ser difícil de publicar, mas, uma vez que seja, é intensamente lida, apreciada e citada. E que se estes pontos (categorias) forem seguidos, irão trazer habilidade e confiança aos estudiosos, e também cânones de rigor, substância e cientificidade para supervisores, editores e revisores.

2.3 Resumo da terceira obra: Oliveira e Piccinini (2009)

Neste artigo de Oliveria e Piccinini (2009), as autoras buscaram discutir dois elementos de rigor da pesquisa qualitativa: a validade e a reflexividade. Para atender a esta proposição, primeiramente, foi realizada uma apresentação teórica buscando definir e discutir o conceito de validade, bem como destacar as diferentes interpretações que se podem chegar para o termo em diferentes correntes epistemológicas.

Já com o conceito de reflexividade, apresentado no trabalho, destaca a importância da análise crítica da própria ciência, “com ênfase no posicionamento e na atuação do pesquisador ao conduzir seus trabalhos e a relação que estabelece com os sujeitos de sua pesquisa”.

Assim sendo, para concluir o artigo, as autoras apresentam algumas considerações sobre a construção de conhecimento no campo científico e a atuação do pesquisador, onde comentam: “Não existem abordagens neutras ou de maior ou menor objetividade, mas sim diferentes abordagens. A escolha de autores de referência, de temas, a predeterminação de métodos são ações que refletem o pensamento e a orientação do autor. Consistem em escolhas que, mais ou menos conscientes, norteiam a relação que vai estabelecer com o objeto de pesquisa e, conseqüentemente, os resultados encontrados”.

2.4 Resumo da quarta obra: Latusek e Vlaar (2015)

Os autores exploram em seu artigo a conversa gerencial através da lente da metáfora. A técnica de metáfora pode oferecer uma oportunidade para preencher a lacuna frequentemente aclamada entre rigor e relevância na pesquisa e na educação em administração.

Com base em uma abordagem de pesquisa interpretativa e um estudo de campo qualitativo foi realizado uma pesquisa entre gerentes da Holanda, Polônia e Estados Unidos. Com esta pesquisa interpretativa, sugeriram que podem simultaneamente obter rigor e relevância quando combinam o uso da metáfora como uma ferramenta analítica com foco em como os gerentes falam sobre seus próprios comportamentos em relação aos outros profissionais.

Os autores comentam no final de seu trabalho que suas descobertas têm importantes implicações para as políticas educacionais. Eles mostram que “focar na produção de significados e conceitos usados pelos atores sociais em cenários reais” provavelmente será instrumental para gerar *insights* importantes sobre como os significados e suas implicações são moldados por ou contingentes a contextuais. E que as experiências gerenciais cotidianas podem ser traduzidas na linguagem figurativa e imaginativa da metáfora para ajudar os praticantes a abraçar os paradoxos e ambigüidades que permeiam a vida organizacional

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS À LUZ DO TEMA

3.1 Concordâncias

Como apoiado por Shelton (2004), um ponto que se destaca como concordância entre os artigos é o rigor metodológico. Este rigor irá proporcionar aos trabalhos qualitativos, menores críticas em termos de ser aceitar suas conclusões como sendo ciência.

Para tal, a descrição da metodologia e justificativa (explicação dos porquês) é fundamental para garantir este rigor (SHELTON, 2004). Ainda nesta temática do rigor metodológico, Jonsen, Fendt e Point (2018) confirmam que a confiança na solidez e no rigor metodológicos é tipicamente sugerida por meio do cumprimento de critérios definidos de validade e confiabilidade e de um *design* ao longo de estruturas, como introdução, sustentação teórica, métodos, agregação de dados, discussão teórica e assim por diante.

Na pesquisa qualitativa, mais sutilmente e por falta de critérios objetivamente mensuráveis, o trabalho precisa convencer mais holisticamente (como um todo), como um conjunto equilibrado de método, postura epistemológica e ontológica, intenção de pesquisa, compartilhamento do roteiro de pesquisa, termos e linguagem científica, e também criticidade (JONSEN; FENDT e POINT 2018).

Latusek e Vlaar (2015) discorrem que “nossa compreensão do termo ‘relevância’ e do debate rigor-relevância” é pertinente nos dias atuais em que vivemos e fazemos ciência. Que para produção de conhecimento, deve haver rigor e que tal leva melhor aceitabilidade das pesquisas qualitativas.

3.2 Discordâncias

Poucos são os pontos de discordância, se assim podemos nos referir a eles. Oliveira e Piccinini (2009) colocam que não existem abordagens neutras ou de maior ou menor objetividade, mas sim diferentes abordagens. Nem todos os pesquisadores qualitativos concordariam com tal colocação, haja visto o posicionamento epistemológico.

Considerando que grande parte das pesquisas em administração e porque não dizer nas ciências sociais, estão sob uma ótica funcionalista, a qual o objetivismo predomina (reina). Talvez, por

esta mesma razão, a colocação dos demais autores em procurar justificar suas pesquisas e métodos por meio de uma racionalização positivista procurando a causalidade nos eventos e estudos humanos-sociais.

Latusek e Vlaar (2015) complementa com o argumento tradicional que afirma que há um *trade-off* (troca, barganha, negociação) entre rigor e relevância, porque, para os autores, o conhecimento fundamental (obtido a partir da bolsa de estudos) e o conhecimento experiencial (adquirido com a prática) “são essencialmente diferentes”. E que outros, no entanto, argumentam que o rigor e a relevância não são necessariamente mutuamente exclusivos.

Exclusivos ou não, há de se considerar a natureza epistemológica do pesquisador quando este trata da questão do rigor metodológico. Aliás, o que é rigor metodológico para um Humanista Radical ou para um Funcionalista?

4 AVALIAÇÃO FINAL

Essas obras são extremamente pertinentes, haja visto as críticas das chamadas “ciências puras” como a matemática, física, química e biologia as novas ciências sociais aplicadas das quais destacamos a administração, ciências contábeis, comunicação social e outras.

Quanto a acusação da falta de rigor metodológico: que “nossa ciência” não é de fato ciência por não ter rigor metodológico ao se produzir conhecimento. Desta maneira, tais artigos apresentados nesta sessão, são de fato relevantes para promover a discussão sobre a importância do rigor metodológico em pesquisas nas áreas de ciências sociais aplicadas.

Tais obras servem de reflexão para que os estudantes em administração, contábeis e publicidade (dentre outros) possam delinear melhor seu plano de trabalho no tocante a elaboração de um projeto de pesquisa para trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS DA CONTEXTUALIZAÇÃO

Campbell R, Pound P, Morgan M, et al. (2011) Evaluating meta-ethnography: systematic analysis and synthesis of qualitative research. In: **Health Technology Assessment**, 15(43), Jun. 2012.

Finfgeld-Connett D (2009) Model of therapeutic and non-therapeutic responses to patient aggression. *Issues in Mental Health Nursing* 30(9): 530–537.

Leeman J and Sandelowski M (2012) Practice-based evidence and qualitative inquiry. *Journal of Nursing Scholarship* 44(2): 171–179.

Noblit GW and Hare RD (1988) *Meta-ethnography: Synthesizing Qualitative Studies*. Newbury Park, CA: Sage.

Paterson BL, Thorne SE, Canam C, et al. (2001) *Meta-study of Qualitative Health Research: A Practical Guide to Meta-analysis and Meta-synthesis*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Sandelowski M and Barroso J (2007) *Handbook for Synthesizing Qualitative Research*. New York: Springer.

RESENHA TEMÁTICA 2

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Me. Raphael de Morais ¹
Dr. Rodrigo Cassimiro de Freitas ¹

¹Universidade Federal de Lavras, Programa de Pós-graduação em Administração; Caixa Postal 3037 - CEP 37200-000 - Lavras MG; Telefone: (35) 3829.1446; raphaelmoraisufra@gmail.com; rodrigocassfreitas@pucminas.br

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das obras resenhadas |
|-----------------------------|--|
| Dellagnello e Silva (2005) | DELLAGNELO, E. H. L. SILVA, R. C. da. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Org.). Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 97-118. |
| Mozzato e Grzybovski (2011) | MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, Jul./Ago. 2011. |
| Oliveira (2016) | OLIVEIRA, Mirian et al. Análise de Conteúdo Temática: há uma diferença na utilização e nas vantagens oferecidas pelos softwares MAXQDA® e NVivo®?. Revista de Administração da UFSM, Santa Maria, v. 9, n. 1, p.72-82, Jan./Mar. 2016. |
| Zaccarelli e Godoy (2010) | ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p. 550-563, Set. 2010. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Percebe-se um crescente uso de análise de conteúdo como metodologia entre os pesquisadores brasileiros, em especial aos que se dedicam a pesquisa qualitativa, destacando-se também, os estudos organizacionais. Percebe-se que este crescente interesse se dá devido a um forte paradigma funcionalista que influencia as pesquisas em administração, em especial as de caráter

subjetivista e interpretativista, apontando-se uma necessidade dos pesquisadores se apoiarem em uma técnica de análise que possua credibilidade dentre os demais pesquisadores.

A análise de conteúdo pode ser muito útil ao se analisar fenômenos que se derivem em especial da comunicação, como mensagens escritas, diários, textos, entrevistas, contratos, cartas e imagens em geral, deixando um pouco de lado questões de aspectos comportamentais. Percebe-se que a análise de conteúdo pode utilizar diferentes técnicas para se observar, coletar e tratar os dados pesquisados, encontrando perspectivas tanto qualitativas quanto quantitativas, o que não faz os pesquisadores se renderem aos métodos quantitativos positivistas, mas que não deixem de utilizar uma técnica que possa enriquecer as pesquisas.

À medida que se compreende o quão rica a análise de conteúdo possa ser, o interesse sobre a mesma tem aumentado, pois como o rigor científico desta técnica é mais claro, tal técnica ganha destaque e se legitima dentre os métodos qualitativos e quantitativos. Para os estudos organizacionais pode ser capaz de auxiliar a explorar a evolução e desenvolvimento do campo teórico, porém devemos nos atentar como pesquisadores para que o seu caráter não se torne absolutamente positivista.

Conforme visto para algumas análises qualitativas, como de transcrições de entrevistas, esta técnica também recebe o apoio de softwares para a análise de dados que esta possa oferecer, sendo apoiada em três abordagens: análise léxica, análise sintática e análise temática, como as análises destes dados geralmente são exaustivas, pois possuem volumes altos de informações, tais softwares auxiliam na diminuição do tempo para se realizar as análises, sendo ferramentas importantes, porém que não dispensam o conhecimento do pesquisador sobre análise de conteúdo para se proceder com os estudos, pois apesar de auxiliar no trabalho, os softwares não fazem as classificações e interpretações acerca do que pode ser apresentado.

2 RESUMO DAS OBRAS

2.1 Resumo da primeira obra: Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração.

Dellagnello e Silva (2005) trazem um breve histórico sobre a análise de conteúdo e afirmam que é uma técnica relativamente antiga, em especial utilizado por outros campos de estudos,

interpretações de escritos sagrados e antepassadas, porém com baixo rigor científico. No final do século passado há o reconhecimento da técnica a partir dos estudos feitos por Leavell sobre comerciais de armamentos, desenvolvem-se entre 1950 e 1960, e é compreendido a partir de 1970 como uma técnica forte para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. A sua conceituação passa também por diversas interpretações por ser uma técnica que abrange tanto visões positivistas quanto subjetivistas, porém como nos estudos organizacionais adotamos posição mais interpretativista, utilizaremos a ideia central de Bardin que afirma ser “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) das mensagens.”

Devemos saber diferenciar a análise de conteúdo de outras análises linguísticas, pois a A.C. (análise de conteúdo) se foca sobre as mensagens contidas em documentos, preocupando-se com o aspecto individual e atual através do ato da linguagem, através da prática da língua que foi realizada por emissores identificáveis. A análise de conteúdo busca entender a linguagem muito mais como expressão de sistemas específicos, locais, ou seja, da linguagem em uso, da palavra. A análise de conteúdo visa entender a mensagem, o significado transmitido pela mensagem, aquilo que pode estar implícito. Inicialmente era pautada em análise de livros e documentos, porém conseguimos trabalhar com uma gama de conteúdos para se analisar. Suas etapas para condução de uma análise de conteúdo basicamente em uma pré-análise, que é a organização do material; exploração e análise do material, que é considerado longo e pesado, porém um momento fundamental na pesquisa, com a codificação e categorização dos conteúdos e por fim a reflexão sobre os dados, a fim de se estabelecer relações entre os resultados com teorias e afins. Dentro das técnicas, podemos encontrar além da análise das categorias, a análise de avaliação, a análise de enunciação, a análise de expressão, a análise das relações e a análise do discurso.

A análise de conteúdo se apresenta como uma opção interessante para desenvolver estudos em organizações, e como outras metodologias qualitativas, também existe a necessidade de rigor e clareza nos procedimentos metodológicos. Quando consideramos a amplitude dos mais diversos temas que podem ser trabalhados e estudados dentro da administração, compreendemos que a análise de conteúdo pode ser aplicado as mais diversas pesquisas na área

com a aprofundamento de documentos organizacionais pode ser uma via alternativa e rica de dados que parece ser pouco explorada dentro da pesquisa qualitativa em administração.

2.2 Resumo da segunda obra: Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios.

Mozzato e Grzybovski (2011) salientam o crescimento da utilização da análise de conteúdo e a importância da conscientização e debate sobre a sua utilização e que perpassa a perspectiva positivista. Sendo utilizada cada vez mais em diversos campos das ciências sociais e as perspectivas metodológicas devem ser discutidas e fazer parte das agendas acadêmicas de pesquisa. Os autores salientam que existe a necessidade de se conhecer os preceitos da análise de conteúdo e a diferenciação entre análise do discurso de análise de conteúdo: “considera-se que a análise de conteúdo procura relatar os significantes e a análise de discurso, o significado”. Existe a necessidade de que o pesquisador possua uma bagagem teórica para ir a campo, pois auxiliará a realizar categorizações e comparações. Para tanto, se faz necessária compreender os contextos a qual os conteúdos estão(vam) inseridos. A análise de conteúdo auxilia na expansão da visão do pesquisador, através da utilização da construção criativa e uso de interpretação.

Como críticas, podemos observar forte ideário de metodologia quantitativa, que pode comprometer na qualidade dos dados acessados e possíveis obscuridade frente a adoção de aspectos positivistas de pesquisa. Como a análise de conteúdo utilizada dentro dos estudos organizacionais necessita da inferência dos pesquisadores, a neutralidade pode se apresentar também como um ponto fraco deste método, porém o pesquisador deve assegurar a validade dos dados pesquisados. Deve-se tomar cuidado para não eliminar outras fontes de dados que possam apresentar conteúdos, e levar em consideração apenas fatos escritos e orais, pois outras fontes podem auxiliar a enriquecer também uma pesquisa que utiliza a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é uma técnica de análise que tem sido cada vez mais legitimada dentro das pesquisas organizacionais, mas chama-se a atenção para o aumento no debate do seu uso dentro deste campo, para que se atinja confiabilidade e validade com os demais pares, a coerência das metodologias aplicadas aos estudos administrativos mais uma vez se mostra fundamental e considera-se que pode auxiliar a estudiosos que pretendem realizar estudos dentro dos campos da administração, trazendo debates na análise crítica e reflexiva.

2.3 Resumo da terceira obra: Análise de Conteúdo Temática: há uma diferença na utilização e nas vantagens oferecidas pelos softwares MAXQDA® e NVivo®?

Oliveira et al (2014) nos traz uma evolução para auxiliar no tratamento e análise dos dados que são coletados através da análise de conteúdo, com a informática, os pesquisadores em administração passam a contar com novos aliados, são os softwares como MAXQDA e NVIVO que auxiliam e muito no processo exaustivo da análise dos dados.

Como as análises destes dados geralmente são exaustivas, pois possuem volumes altos de informações, tais softwares auxiliam na diminuição do tempo para se realizar as análises, sendo ferramentas importantes, porém que não dispensam o conhecimento do pesquisador sobre análise de conteúdo para se proceder com os estudos, pois apesar de auxiliar no trabalho, os softwares não fazem as classificações e interpretações acerca do que pode ser apresentado.

Percebe-se que a utilização destes softwares são muito promissoras e podem diminuir um trabalho maçante, porém os softwares podem apresentar diferentes nomenclaturas e caminhos para se chegar a análise que se quer realizar o que pode ser mais fácil para um e dificultar para outro pesquisador, porém fica evidenciado que a qualidade dos resultados não será influenciada pela utilização de ferramentas digitais, pois para utilizar os softwares, antes de mais nada, se faz necessário o conhecimento do campo e a bagagem teórica do pesquisador.

2.4 Resumo da quarta obra: Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações.

Zaccarelli e Godoy (2010) apresentam a análise de conteúdo feita utilizando diários, e como a utilização deste método pode ser usada e auxiliar no desenvolvimento dos estudos organizacionais, os autores apresentam alguns exemplos do uso científico dos diários, em diversos áreas do conhecimento, como saúde, educação, e inclusive nos estudos organizacionais, que nos permite realizar uma análise temporal de diversos assuntos.

São apontados diferentes estudos utilizando diários, três deles são: “experimentos e levantamentos” de cunho positivista, “método histórico” com a reconstrução de passados utilizando diários que não tinham esse fim e a “naturalística e etnográfica”, realizando

interpretação de cunha subjetivista, não apenas identificando padrões de comportamentos, mas, uma compreensão de como indivíduos interpretam(ram) situações e atribuem(íram) significados para ações e eventos nos quais estão envolvidos.

Como a análise de conteúdo geralmente dá voz para documentos e fatos orais, documentos antigos, tais como diários, podem ter sido escritos por pessoas elitizadas ou com domínio da escrita, o que pode eliminar pontos importantes e deixar alguns buracos estruturais ao se realizar a análise dos conteúdos provenientes destes tipos de documentos, porém devemos destacar que a utilização de diários, dentro do campo de administração, pode ser de grande valia para desvendar e fomentar o desenvolvimento de teorias que se fazem presente no campo dos estudos organizacionais, tais como tem sido observados em temas como mudança nos períodos e turnos de trabalho, stress no ambiente de trabalho, papel dos agentes de mudança organizacional, psicossociais envolvidas no trabalho com atores profissionais, dentre outros. A utilização deste material e método de análise de conteúdo pode dar voz ao sujeito, auxiliando na compreensão das diversas realidades vivenciadas.

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS À LUZ DO TEMA

Há uma crescente utilização da análise de conteúdo por parte dos pesquisadores no Brasil, em especial aqueles que têm se dedicado mais à pesquisa predominantemente qualitativa. O interesse na análise de conteúdo, por parte desses pesquisadores, esteja relacionado com a necessidade de se apoiarem em uma técnica de análise de dados de pesquisa qualitativa que alcance alguma credibilidade acadêmica entre seus pares, sem, no entanto, ficarem restritos aos métodos quantitativos mais clássicos, nem, tampouco, se lançarem numa atividade de pesquisa que exclua o método. A importância e o interesse na análise de conteúdo como técnica de análise de dados para os estudos organizacionais é cada vez maior e têm evoluído em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas, ganhando destaque e legitimidade entre os métodos qualitativos. (DELLAGNELLO E SILVA 2005; MOZZATO E GRZYBOVSKI, 2011).

“O momento atual evidencia uma tendência de as pesquisas qualitativas também fazerem uso da informática, visando à agilização e qualificação do material de análise. (...) A utilização de softwares apenas serve para facilitar a análise e a interpretação, não eximindo a atuação ativa

do pesquisador na adoção de um método de análise coerente e pertinente ao tema e à orientação epistemológica”, porém o simples uso da informática não é o suficiente, o pesquisador deve dominar as técnicas e ter bagagem para realizar a análise de conteúdo (MOZZATO E GRZYBOVSKI, 2011; OLIVEIRA, ET AL, 2016).

“A análise de conteúdo pode ajudar aqueles pesquisadores que pretendem desenvolver estudos no campo da administração segundo uma abordagem analítica crítica e reflexiva, aventurando-se na aplicação da análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos, ou mesmo mistos, no sentido de complementação” e uma dessas utilizações pode estar no uso de diários (MOZZATO E GRZYBOVSKI, 2011; ZACCARELLI E GODOY, 2010).

O potencial de seu uso implica rigor e clareza de procedimentos metodológicos. Muitas vezes a flexibilidade própria da pesquisa qualitativa pode confundir o pesquisador, principalmente iniciante e facilitar a ocorrência de erros. A clareza em metodologia não significa rigidez. A análise de conteúdo não deve ser considerada e trabalhada como modelo exato e rígido, segundo Bardin (2006) a proposta da análise de conteúdo oscila entre o rigor da objetividade, da cientificidade, e a riqueza da subjetividade (DELLAGNELLO E SILVA 2005; MOZZATO E GRZYBOVSKI, 2011).

4 AVALIAÇÃO FINAL

Os textos utilizados para esta sessão foram importantes para nos apresentar o panorama da Análise de Conteúdo e suas aplicações nos estudos organizacionais. A análise de conteúdo possui alguns pontos que ligam a pesquisa quantitativa e pode trazer um caráter positivista no uso desta metodologia, devido os pesquisadores que a utilizam compreenderem que ela possui certo rigor metodológico para ser feita e traz legitimação dentro dos estudos em administração.

Ao mesmo tempo, precisamos nos atentar para o rigor metodológico, assim como as outras metodologias que foram apresentadas, pois a análise de conteúdo também é interdisciplinar, sendo utilizada em diversas áreas além dos estudos organizacionais, fazendo com que se apresente diferentes perspectivas e até mesmo conceituações para nortear o trabalho. Desta forma, há a necessidade de contextualizar a pesquisa, como sempre deve ser feito, a fim de se deixar claro em qual viés e qual paradigma o pesquisador está filiado.

Um dos pontos importantes que foram trazidos, é a inserção de novos softwares para auxiliar no processo de trabalho da análise de conteúdo, pois eles auxiliam na realização de uma das partes mais pesadas da metodologia, diminuindo o tempo gasto, percebendo-se também que a utilização de tais softwares não interferem na qualidade dos dados a serem interpretados, porém o pesquisador deve dominar as técnicas e teorias, além de possuir uma bagagem para se realizar a análise de conteúdo.

Os estudos organizacionais podem realmente ter muitas contribuições a partir desta perspectiva metodológica, tendo em vista que os conteúdos a serem analisados podem ser desde um diário de uma organização até uma entrevista, memorandos, circulares e etc., que auxiliam também a divulgar vozes que nem sempre são ouvidas. Faz-se necessário também que o pesquisador que utilize a análise de conteúdo, não compreenda apenas escritos documentais e orais como passíveis de serem analisados, mas também itens como imagens e vídeos, relativamente mais modernos, mas que podem com certeza apresentar diversas informações.

O tema proposto para esta sessão se mostra muito pertinente para pesquisadores, pois a análise de conteúdo é uma forma de se adquirir informações ricas e aparentemente acessível e levanta a questão da necessidade do treinamento no uso de novas tecnologias para operacionalização desta metodologia, além de discutirmos acerca de como a mesma tem sido utilizada pelos pesquisadores.

RESENHA TEMÁTICA 3

GROUNDLED THEORY

Me. João Luis de Sousa¹

¹Universidade Federal de Lavras, Programa de Pós-graduação em Administração; Caixa Postal 3037 - CEP 37200-000 - Lavras MG; Telefone: (35) 3829.1446; joaoluisds@gmail.com

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das Obras Resenhadas |
|----------------------------------|--|
| Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) | BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. <i>Grounded theory</i> . In: GODOY, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos . 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 241-266. |
| Pinto e Santos (2012) | PINTO, Marcelo de Rezende; SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira. <i>A Grounded Theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo</i> . Organizações & Sociedade , Salvador, v. 19, n. 62, p. 417 - 436, set. 2012. |
| Saraiva <i>et al.</i> (2011) | SARAIVA, Ernani Viana; <i>et al.</i> Um “ <i>Pas de Deux</i> ” da Estratégia com a Arte: as Práticas do Grupo Corpo de Balé. RAC , Curitiba, v. 15, n. 6, art. 3, p. 1016-1039, nov./dez., 2011. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Observa-se a diversidade de abordagens metodológicas no campo dos estudos organizacionais, indo deste os modelos funcionalistas até metodologias originadas da antropologia, sociologia e psicologia. Para a compreensão dos fenômenos organizacionais, a *grounded theory* apresenta-se como alternativa para pesquisas, trata-se de uma metodológica onde a teoria "emerge dos

dados", ou seja, a teoria é construída através das observações e análises dos dados que foram coletados em campo (BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2010).

Segundo Pinto e Santos (2012), a *grounded theory* surgiu nos anos 60 a partir da inquietação de dois sociólogos diante das tradicionais metodologias de pesquisa, estes pesquisadores buscaram desenvolver um novo modelo de pesquisa que pudesse gerar novos conhecimentos sobre a sociedade, diferentemente do que era observado na época onde o esforço das pesquisas se concentravam apenas a validar as teorias já existentes, não haviam movimentos que buscassem desenvolver novas teorias. Através disto, a *grounded theory* é desenvolvida com o objetivo de promover o desenvolvimento de novas teorias, contribuir para o avanço dos estudos sociais. A adoção destes procedimentos metodológicos possibilita a obtenção de teorias substantivas, segundo Pinto e Santos (2012), são teorias que procuram refletir a complexidade da vida social, trata-se de teorias altamente detalhadas e bem específicas a realidade analisada.

Saraiva *et al.* (2011) comentam que a *grounded theory* é normalmente utilizada por abordagens construcionistas que buscam compreender a realidade cotidiana das pessoas, nesta abordagem metodológica o pesquisador deve buscar se familiarizar com o contexto, compreender os significados dos processos sociais, observar a linguagem utilizada pelos sujeitos, dentre outros fenômenos que podem ocorrer durante o processo de pesquisa. Os dados são analisados de forma sistemática, são feitas deduções, e a partir disto é possível gerar um modelo teórico substantivo que represente a realidade do grupo social estudado na pesquisa.

Desta maneira, é possível dizer que a *grounded theory* pode contribuir para o desenvolvimento dos estudos organizacionais, por se tratar de uma metodologia que permite compreender detalhadamente determinado objeto de estudo, o surgimento de pesquisas que adotem está a *grounded theory* como estratégia metodológica podem contribuir com o desenvolvimento de estudos com alta relevância para a sociedade e para as organizações, pois diferente dos demais métodos, não se faz primeiramente uma intensa pesquisa teórica sobre o tema, o intuito da *grounded theory* é que o conhecimento se desenvolva através das demandas do campo estudado, de maneira que, como Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) consideram, a teoria "emerge dos dados".

2 RESUMO DAS OBRAS

2.1 Resumo da primeira obra: *Grounded theory*

Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) objetivam-se em apresentar os fundamentos da *Grounded theory*, trata-se de uma teoria que é desenvolvida e fundamentada nos dados coletados durante a pesquisa. Os autores comentam que existem conceitos que a definem como metodologia, uma abordagem ou mesmo como uma estratégia de pesquisa. Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) primeiramente trazem o histórico da *grounded theory*, mostrando seu surgimento as linhas de pensamento que foram desenvolvidas, em seguida são descritos as premissas para o desenvolvimento da *grounded theory* e, por fim, são feitas considerações sobre a avaliação da qualidade dos estudos de *grounded theory* e a aplicação desta metodologia nos estudos organizacionais.

De acordo com Bandeira-de-Mello e Cunha (2010, p. 242), a *grounded theory* foi desenvolvida na década de 1960 por dois sociólogos, Barney Glaser e Anselm Strausm, com o intuito de propor alternativas as opções teóricas do campo da sociologia. Assim, a *grounded theory* surgiu com o objetivo de "gerar explicações, com a mínima intervenção do pesquisador, sobre a ação dos indivíduos em um contexto delimitado, a partir da realidade deles: por que e como determinado grupo age, ou interage com outros grupos, em situações contextuais específicas e delimitadas". Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) comentam que esta metodologia busca obter uma teoria que "emerge dos dados", entretanto esta teoria não é desenvolvida num sentido positivista, mas busca-se elaborar uma teoria substantiva (que pode ser aplicada a determinada área ou grupo social). Busca-se desenvolver uma teoria com alto poder explicativo, que seja capaz de esclarecer como e porque determinados comportamentos ocorrem e como estes se modificam no decorrer do tempo. Mas adiante, Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) mostram alguns pontos importantes para o desenvolvimento da *grounded theory* que são: o equilíbrio entre criatividade e objetividade; a circularidade das fases de coleta e análise dos dados, e; o papel do pesquisador na interação com a realidade dos sujeitos pesquisados.

Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) trazem em discussão algumas contribuições da *grounded theory* aos estudos organizacionais. Segundo os autores, esta metodologia de pesquisa se adéqua a situações em que indivíduos lidam com situações bem específicas, que demandam compreender fenômenos organizacionais através da percepção dos sujeitos envolvidos. Os

autores destacam que nesta metodologia não existe, a princípio, um problema de pesquisa, pois não se conhece ainda o que é relevante para os sujeitos do estudo. Na *grounded theory*, a maior parte de importantes decisões são tomadas durante o desenvolvimento da pesquisa, à medida que a teoria emerge do processo de pesquisa e da interação do pesquisador com os dados" (BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2010, p. 264). Por fim, os autores destacam que o planejamento da *grounded theory* é uma tarefa árdua e sua execução é um tanto arriscada, entretanto quando adotada e bem desenvolvida, esta metodologia de pesquisa pode contribuir em aproximar o campo científico da prática, produzindo assim conhecimento legítimo e útil.

2.2 Resumo da segunda obra: A *Grounded Theory* como abordagem metodológica - relatos de uma experiência de campo

Pinto e Santos (2012) buscam contribuir com a disseminação da *grounded theory* no campo de administração como um estilo de pesquisa, incentivando assim outros pesquisadores brasileiros a adotarem este método em suas pesquisas. Para isso, os autores descrevem uma experiência de campo onde o pesquisador adotou a *grounded theory* como estratégia de pesquisa. Primeiramente, os autores apresentam os conceitos da *grounded theory*, em seguida descrevem a pesquisa que foi realizada adotando os princípios desta metodologia e, por fim, são feitas algumas reflexões sobre as práticas que compõem a *grounded theory*.

De acordo com Pintos e Santos (2012), a *grounded theory* foi desenvolvida por Glaser e Straus que buscavam desenvolver uma metodologia que fosse capaz de ir além dos modelos positivistas da época, um modelo que possibilitasse o desenvolvimento de novas teorias. Neste sentido, a *grounded theory* é um modelo metodológico onde a teoria "emerge" da coleta dos dados, trata-se de uma teoria substantiva, fundamentada em dados que representam a realidade dos sujeitos estudados. Pintos e Santos (2012), buscam demonstrar a construção da *grounded theory* através de uma pesquisa que se objetivava em investigar as experiências de consumo de eletrônicos pelos consumidores de baixa renda e como este consumo de envolvia com o sistema cultural e simbólico da vida cotidiana. Os autores pesquisaram consumidores de baixa renda que moravam nas regiões mais pobres da capital mineira, Belo Horizonte.

Mais adiante, Pinto e Santos (2012) descrevem as etapas da pesquisa e as principais dificuldades encontradas durante o processo. Pode se destacar que pelo fato de ser uma metodologia que

ainda não possui tradições acadêmicas, os resultados conferem uma expressiva diversidade de abordagens, é necessário que o pesquisador se aventure no campo desenvolvendo seu próprio caminho para compreender o objeto estudado. Os autores também comentam que, num primeiro momento, a *grounded theory* traz a sensação de desamparo (provindo no modelo positivista), pela falta de uma estrutura teórica estabelecida anteriormente para balizar os dados encontrados. Entretanto, como o intuito é desenvolver uma teoria substantiva, não é possível se ancorar em "muletas teóricas". Por fim, Pinto e Santos (2012, p. 433) destacam a importância de que sejam desenvolvidos grupos de pesquisa, "uma vez que a promoção de estudos em grupos é capaz de proporcionar uma maior eficiência ante o esforço de um pesquisador isolado".

2.3 Resumo da terceira obra: Um “*Pas de Deux*” da Estratégia com a Arte - as Práticas do Grupo Corpo de Balé

Saraiva *et al.* (2011) buscam construir um conceito de estratégia através da observação de práticas do Grupo Corpo de Balé, identificando as práticas desenvolvidas pelos membros do grupo e desenvolvendo explicações estratégicas. Para isso, os autores adotam uma abordagem interpretativista, onde consideram a estratégia como uma atividade que realizada socialmente, construída por práticas, ações e interações entre os sujeitos do grupo. Primeiramente, os autores delimitam o escopo teórico utilizado no estudo, em seguida são delineados os procedimentos metodológicos escolhidos, a análise dos esquemas, a identificação das práticas e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

Segundo Saraiva *et al.* (2011) os estudos sobre estratégia começaram a se desenvolver na década de 1960, os primeiros estudos focavam na criação de modelos gerenciais que orientassem a otimização de processos e geração de lucros as organizações. Mas adiante, começam a surgir novos olhares sobre o conceito da estratégia, na pesquisa realizada, os autores se posicionaram aos pressupostos da estratégia como prática. Esta vertente se preocupa em analisar como a estratégia é construída, a forma como os processos e atividades da empresa se orientam aos resultados organizacionais. Para esta compreensão, os autores comentam que se deve partir de três questões que podem nortear os estudos, primeiramente onde se dá a estratégia, como ela se dá e por quem as estratégias são construídas?

Neste estudo, adotou-se como estratégias metodológicas a etnografia e a análise situacional no enfoque da *grounded theory*. Partindo do pressuposto que a estratégia é desenvolvida por pessoas, a pesquisa buscou analisar tais prática no Grupo Corpo de Balé. Os autores analisam os diversos campos da organização, estabelecendo núcleos e as relações que estes estabeleciam com outros agentes. Dentre os resultados alcançados por Saraiva et al. (2011, p.1035), pode-se considerar que as práticas encontradas pelos autores possibilitaram "inferir que a função de estrategista é papel desempenhado situacionalmente por diversos atores. Além disso, a função em si é decomposta em variadas formas de agir, que vão da criação de práticas estratégicas até a sua formulação e implantação. Os autores fazem analogia ao passo de dança do balé clássico, *pas-de-deux*, para mostrar que o "grupo Corpo desenvolve diversos movimentos (práticas), que buscam congrega a arte (busca de sua identidade) e a estratégia (busca de sua continuidade no tempo). Um *Pas de Deux* da estratégia com a arte". Desta forma, este estudo permite considerar ações como observação, análise e integração das práticas apresentam-se como possíveis caminhos para pesquisas que buscam compreender a dinâmica das estratégias adotadas pelas organizações.

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS

De maneira geral, as três obras buscam contribuir para a compreensão das possibilidades de uso da *grounded theory* nos estudos organizacionais. As principais diferenças encontradas estão na linha de abordagem que foi desenvolvida em cada texto, Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) trazem os conceitos, especificidades do método e algumas etapas da pesquisa. Pinto e Santos (2012) e Saraiva et al. (2011) também buscam trazer a comunidade científica o método da *grounded theory*, entretanto estes autores trazem também o lado prático da pesquisa, relatando as experiências de campo, as possibilidades do uso desta metodologia nos estudos organizacionais e as principais dificuldades encontradas no decorrer na pesquisa.

Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) apresenta o histórico da *grounded theory* e seus fundamentos e sua capacidade de gerar através dos dados coletados, teorias substantivas. Pinto e Santos (2012) concordam com Bandeira-de-Mello e Cunha (2010) ao dizerem que a *grounded theory* rompe com as barreiras impostas pelo modelo funcionalista que sempre busca validar dados com base em teorias já desenvolvidas anteriormente, o que dificulta o avanço de

conhecimento de determinadas áreas, pois os estudos ao serem direcionados a determinado enfoque teórico prejudica a compreensão de outros fenômenos no campo analisado, gerando certa "miopia" teórica. Neste sentido, a *grounded theory* busca gerar modelos teóricos através dos dados coletados compreendendo primeiro a realidade do campo.

O texto de Pinto e Santos (2012) busca disseminar entre os pesquisadores do campo da administração a *grounded theory* como alternativa de pesquisa. No texto, os autores buscam mostrar as etapas da pesquisa e demonstrando-as através da experiência que tiveram em uma pesquisa. Saraiva et al. (2011), por outro lado, já mostram a aplicação da *grounded theory* e da etnografia nos estudos organizacionais, buscando identificar ações estratégicas nas práticas sociais do grupo de dança Corpo de Balé.

4 AVALIAÇÃO FINAL

Pode-se dizer que as obras analisadas demonstraram a capacidade da utilização da *grounded theory* em diversas temáticas dos estudos organizacionais. Trata-se de uma metodologia que permite compreender detalhadamente determinado objeto de estudo, como destacado por Bandeira-de-Mello e Cunha (2010, p. 248), diferentemente das teorias que buscam desenvolver conhecimentos com potencial de generalização, a *grounded theory* empenha "em gerar uma teoria substantiva com alto poder explicativo: ser capaz de explicar como e por que ocorrem diferentes formas de comportamento e como essas formas se modificam ao longo do tempo".

Em consonância, Pinto e Santos (2012, p. 420) também concordam ao dizerem que as teorias substantivas geradas pela metodologia da *grounded theory* procuram refletir sobre a complexidade das relações sociais, "são específicas, limitadas em seu escopo, ricas em detalhes e aplicáveis apenas dentro dos limites de um dado contexto social. Sem a preocupação de generalização estatística para além da sua área substantiva, procura aprofundar a explicação de uma realidade local, particular, construída a partir das experiências vividas por um determinado grupo social".

Desta forma, pode-se dizer que a principal característica mostra a importância de se adotar a *grounded theory* nos estudos organizacionais está relacionada a capacidade de compreender estruturas que normalmente não são discutidas pelos tradicionais modelos teóricos e, a partir

disto, gerar conhecimento novos conhecimentos, contribuindo assim para o desenvolvimento teórico dos estudos organizacionais.

RESENHA TEMÁTICA 4

PESQUISA-AÇÃO

Me. Elvis Magno da Silva¹

¹Faculdades Integradas Adventistas de Minas Gerais – FADMINAS; Rua Joaquim Gomes
Guerra, 590 – Bairro Kennedy – Lavras, MG. Telefone: (35) 3829 – 3900;
elvis.magno@fadminas.org.br

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das Obras Resenhadas |
|--|--|
| Obra 1: Eady, Drew e Smith (2015) | EADY, S.; DREW, V.; SMITH, A. Doing action research in organizations: using communicative spaces to facilitate (transformative) professional learning. In: Action Research , vol. 13, nr 2, p.105-122, 2015. |
| Obra 2: Maurer e Githens (2009) | MAURER, M.; GITHENS, R. P. Toward a reframing of action research for human resource and organization development. In: Action Research , vol. 8, nr 3, p. 267-292, 2009. |
| Obra 3: Minelau et al (2015) | MENELAU, Sueli et al. Realizar pesquisa sem ação ou pesquisa-ação na área de Administração? Uma reflexão metodológica. <i>Revista de Administração</i> , v. 50, n. 1, p. 40-55, Jan./Fev./Mar. 2015. |
| Obra 4: Dresch, Lacerda e Miguel (2015) | DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; MIGUEL, P. A. C. Uma Análise Distintiva entre o Estudo de Caso, A Pesquisa-Ação e a Design Science Research. <i>Revista Brasileira de Gestão de Negócios</i> , v. 1, n. 1, p. 1116-1133, Abr./Jun. 2015. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Conforme anunciado por Peters (2011, p.130), no cerne da teoria da estruturação, encontra-se a ideia de que o entrelaçamento entre subjetividade e objetividade do universo social pode ser exposto se compreendermos a relação entre essas dimensões. Mas não segundo um dualismo entre teoria e prática, que as tome como esferas excludentes mutuamente, mas sim como “uma dualidade, um relacionamento entre dimensões fenomênicas que não apenas não possuem uma existência independente uma da outra, como também podem ser vislumbradas como duas

facetas de uma mesma realidade”. Sendo essa realidade as “práticas recorrentes que configuram o modo de existência do mundo social”.

É conveniente ressaltar que há um consenso de que a estruturação deve ser analisada sob uma ótica processual, fundamentada por meio de uma avaliação longitudinal de triangulação de métodos. A utilização de dualismo analítico como recurso metodológico procura conciliar a dualidade entre agência e estrutura, proporcionando desta forma uma “janela temporal de análise, o que possibilita a construção de definições operacionais de investigação”. Partindo da aceitação de tal pressuposto de que “estruturas preexistentes condicionam a trajetória da reprodução social em momentos de interação, pode-se avaliar como propriedades estruturais são reproduzidas pelos atores”. Ou seja, há sempre um ponto de referência entre o indivíduo e organização, que é o seu histórico de interações. E é partindo deste histórico que quaisquer transformações são remetidas e objeto de explicação teórico por parte de seus pesquisadores. (ROSSONI, GUARIDO FILHO & CORAIOLA, 2013, p.533).

É nesta discussão entre agência e estrutura, subjetividade e objetividade, teoria e prática que surge a pesquisa-ação para estreitar, e porque não dizer construir uma ponte, findando esta distância entre teoria e prática nos estudos organizacionais. Ora proposto por esta sessão temática, iremos estudar a pesquisa-ação no campo dos estudos organizacionais em administração. Perceberemos que é mais do que um método de pesquisa, é uma forma de pensar a pesquisa e encarar a relação entre o pesquisador e objeto. Desta maneira, ressaltamos que a pesquisa-ação possui uma abordagem ontológica e epistemológica própria para ver o mundo (realidade) e obter conhecimento deste mundo.

2 RESUMOS

2.1 Resumo da primeira obra: Eady, Drew e Smith (2015)

Este artigo apresentou dois casos de diferentes profissões que ilustram o processo e a importância do papel do tutor universitário na abertura e manutenção de um espaço comunicativo. Inicialmente, antes da apreciação do caos, os autores começaram com uma discussão sobre a aprendizagem profissional, sobre a pesquisa-ação e espaços comunicativos. Em seguida, nos foi apresentado estes dois casos que mostram o uso do espaço comunicativo para aprendizagem profissional. Os autores ainda comentaram que a aprendizagem profissional

que ocorre dentro das atividades cotidianas também chamadas de aprendizado informal foi o foco do seu artigo e que a preocupação não é apenas com o “como” da aprendizagem, mas também o “o que” e o “para quê”.

Retomando os casos, no primeiro, que fora extraído da área de educação, o tutor este envolvido no apoio aos professores que realizaram o “inquérito profissional colaborativo” (que é uma metodologia derivada da pesquisa-ação), para explorar a problemática na sua prática dentro de um programa de mestrado. Já no segundo caso, da área de saúde, o tutor estava envolvido na facilitação de enfermeiros comunitários participantes de um projeto subsidiado pela pesquisa-ação, e que visava desenvolver uma abordagem de gestão de casos para apoiar a prática de enfermagem comunitária na zona rural da Escócia.

Embora cada caso seja enquadrado por sua própria definição de pesquisa-ação, ambos fornecem exemplos de como a criação do espaço comunicativo proporcionou a oportunidade de explorar dilemas e buscar novas soluções para a prática. Ambos mostram a aprendizagem como o principal produto ou como um subproduto do processo. As atitudes não julgadoras dos tutores (com os profissionais de educação / enfermagem) e a garantia de anonimato ajudaram a construir confiança e apoio, o que foi imprescindível para o sucesso da pesquisa. Também, por fim, os tutores da universidade desempenharam um papel central ao provocar uma reflexão crítica mais profunda sobre valores, crenças e propósitos do trabalho profissional. Assim, parece que os tutores da universidade não eram apenas facilitadores, mas participantes-chave na aprendizagem profissional transformadora.

2.2 Resumo da segunda obra: Maurer e Githens (2009)

Neste artigo, os autores iniciam com uma apreciação de que há uma discrepância entre teoria e prática nos estudos organizacionais. Que por vezes, há manipulação da pesquisa para que esta saia conforme os ditames de seus pesquisadores. Neste contexto os autores comentam que a pesquisa-ação se apresenta apenas como uma ferramenta de levantamento de dados, uma técnica, o que a resume de forma depreciativa. Pois para eles, a pesquisa-ação “é um modo particular de pensar e agir na investigação humana, uma visão de mundo que se expressa em um conjunto específico de práticas e um processo colaborativo de investigação mútua e

libertadora”, ou seja, é uma abordagem teórico-metodológica que possui uma ontologia e epistemologia próprias.

Dentro deste quadro teórico-metodológico, a pesquisa-ação é apresentada como sendo possuidora de três possíveis categorias de análise: a pesquisa-ação convencional, a pesquisa-ação crítica, e a pesquisa-ação dialógica. Também é apresentado pelos autores o modelo de Lewin como sendo historicamente o precursor da pesquisa-ação. Seu modelo consiste basicamente em três etapas: descongelamento, movimento e recongelamento. Ainda trazem que nas abordagens de Lewin, o principal conceito deixado é o chamado “espaço da vida”. Lewin afirmou que o “espaço da vida” consiste no “ambiente psicológico de uma pessoa, incluindo objetivos, desejos, necessidades e ansiedades. É o composto de seu passado psicológico, presente e futuro, e determina o comportamento das pessoas a qualquer momento” (LEWIN, 1943 *apud* MAURER & GITHENS, 2009, p.270).

O artigo ainda traz algumas bases filosóficas da pesquisa-ação, ela está principalmente pautada na filosofia pragmática, no pensamento crítico, na teoria construcionista social, na teoria de sistemas, na prática da democracia e, mais recentemente, na teoria da complexidade. Após esta apreciação filosófica os autores trabalham com as três categorias de pesquisa-ação mencionadas acima: convencional, crítica e dialógica. Finalizando seu trabalho os autores colocam que, embora haja riscos políticos envolvidos em conduzir abertamente a pesquisa-ação, ela é promissora ao permitir a exploração de questões críticas de maneiras mais sutis por meio da exploração de valores, crenças, suposições e sentimentos, tentando alcançar compreensão e foco na transformação.

2.3 Resumo da terceira obra: Minelau *et al.* (2015)

Na obra de Minelau *et al.* (2015) os autores tiveram como objetivo analisar a pesquisa-ação no cenário brasileiro. Entre os anos de 2000 e 2010 foram identificados 22 artigos. Estes artigos foram analisados pelos seus objetivos, procedimentos, nível de engajamento de *outsiders* e consequências do ciclo acadêmico e ciclo da ação, tanto para a ciência quanto para a realidade sob intervenção (sociedade). Antes da parte analítica do trabalho, os autores acharam conveniente uma apreciação teórica sobre tema.

A pesquisa-ação como prática social insere-se dentro da abordagem qualitativa como um modelo de investigação teórico que se empenha em promover a participação ativa dos *outsiders* no processo de pesquisa. Os autores mencionam uma consideração de Lewin (1970) que diz que a pesquisa-ação é uma pesquisa que leva à ação social, é uma pesquisa que não pode se prender somente a produzir livros (material acadêmico), mas sim, que produza uma ação efetiva na sociedade. Sobre esta ação efetiva, os autores também complementam com Thiollent (2003), onde afirma que o pesquisador deve pretender alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social. A pesquisa-ação é então apresentada como uma metodologia de pesquisa social realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Indo para as análises dos artigos, a maioria dos artigos apresentou e debateu os resultados das intervenções, os aprendizados proporcionados e a forma como o projeto alterou o ambiente interno (produtos, processos ou pessoas) do ambiente investigado. Em pelo menos quatro artigos, questiona-se se, de fato, foi empregada a pesquisa-ação em seu sentido mais estrito. Os principais autores, três tópicos principais, que também se encontram presentes no âmbito do pensamento contemporâneo dos estudos em administração: mudança social, colaboração por meio da participação e empoderamento dos sujeitos (de pesquisa), o que demonstra a pertinência da metodologia nos estudos dessa área.

2.4 Resumo da quarta obra: Dresch, Lacerda e Miguel (2015)

Neste último artigo da sessão, Dresch, Lacerda e Miguel (2015) estabelecem uma crítica acerca da pesquisa-ação e estudo de caso a partir da perspectiva epistemológica da *design science*. Para alcançar o objetivo proposto, os autores adotam uma abordagem teórico-conceitual fundamentada em uma revisão de literatura que busca apresentar métodos de pesquisa para a área de gestão de modo abrangente.

Desta forma, a obra apresenta-se como um ensaio teórico, e é estruturado em três seções: primeira, são apresentados os principais conceitos e formas de operacionalização no que tange aos três métodos de pesquisa selecionados (estudo de caso, pesquisa-ação e *design science research*). Em seguida, os autores apresentam uma síntese desses métodos por meio de um

quadro analítico, com a finalidade de ampliar o entendimento dos métodos de pesquisa. E por fim, são apresentadas as conclusões do ensaio no que tange aos métodos de pesquisa considerados, bem como a algumas oportunidades para trabalhos futuros.

Após apreciar os métodos e suas considerações no tocante aos procedimentos de pesquisa, Dresch, Lacerda e Miguel (2015, p.1130) afirmam que “é possível afirmar, ainda, que a pesquisa-ação, quando aplicada sob o paradigma da Design Science, pode contribuir para a construção de artefatos”. Lembrando que esta construção de artefatos para a *design science research* não busca a solução ótima do problema, como dito pelos autores, mas sim uma solução que seja satisfatória, o que creio que possa não ser o caminho mais viável para pesquisa-ação nos estudos organizacionais, haja visto tratar de pessoas e promover uma ação de mudança, talvez eticamente possa ser questionado tal ação que não busque o melhor para a comunidade em estudo.

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS À LUZ DO TEMA

3.1 Concordâncias

Um ponto comum apresentado por Eady, Drew e Smith (2015) é de que a experiência do pesquisador auxilia em muito na pesquisa-ação. Esta experiência como pesquisador, mediador promove um enriquecimento sem perder o rigor metodológico ou enviesar a pesquisa com posicionamentos políticos ou morais, como o mencionado na pg. 115, “nossas experiências anteriores de ter trabalhado como professor ou enfermeiro e agora como professor / enfermeiro, nos proporcionam conhecimento interno e externo de cada profissão, permitindo-nos ter empatia até certo ponto com os praticantes e os dilemas que eles enfrentam” (tradução nossa).

Outro ponto concordante é a questão de conseguir a confiança dos pesquisadores para garantir um melhor conteúdo a ser analisado. Como mencionado por Eady, Drew e Smith (2015, p. 118): “as atitudes não julgadoras dos tutores (como profissionais de educação / enfermagem) e a garantia de anonimato ajudaram a construir confiança e apoio” (tradução nossa). É exatamente esta atitude não julgadora e anonimato que foram importantes para que os participantes pudessem se sentir bem e a vontade para relatar. Outra questão foi do posicionamento dos pesquisadores que se identificavam com o grupo por também serem profissionais da mesma

área e muito provavelmente por já terem passado por várias experiências das quais os pesquisados também devem ter passado.

De forma geral, todos os autores apresentam Lewin como o principal precursor ou utilizador deste método de pesquisa-ação. Foi exposto, por exemplo, por Minelau et al (2015, p. 41-42), uma breve citação direta de Lewin que fala deste seu método de pesquisa: “é um tipo de pesquisa ação, uma pesquisa comparativa acerca das condições e resultados de diversas formas de ação social e pesquisa que leva à ação social”. Em seguida, complementa: “Pesquisa que produza apenas livros não será o bastante” (LEWIN, 1970, p. 220). Neste aspecto todos os autores da sessão corroboram de que deve haver uma ação social efetiva, não somente conhecimento acadêmico. A pesquisa-ação deve gerar mudança na sociedade em estudo.

3.2 Discordâncias

Eady, Drew e Smith (2015, p.14) fazem uma citação de Torbert (2006) que diz: “*This pivotal role enables us to hold a seemingly neutral position, united by common interests, in the possibilities of researching practice and the potential for improving them*” [grifo nosso]; ou “Esse papel central nos permite manter uma posição aparentemente neutra, unida por interesses comuns, nas possibilidades de pesquisar a prática e o potencial para melhorá-las” [tradução livre].

Com uma análise mais crítica e menos ponderada desta frase, em um primeiro momento a expressão “posição neutra” parece muito contraditória neste contexto de pesquisa-ação. Pois nesta perspectiva de pesquisa-ação pressupõe-se a ação do pesquisador com os atores da pesquisa. Ação está participante e ativa, que modifica a realidade estudada por meio desta interação. Tal “neutralidade” não segue apoiada nos demais textos da sessão, pelo contrário, o pesquisador deve assumir seu lugar como agente de mudança.

Contudo, em uma análise mais ponderada e contextualizada desta frase, o que pode ser percebido é que a intenção dos pesquisadores foi de externar que suas influências na pesquisa não foram tendenciosas, políticas ou enviesadas. Mas ao contrário, sua participação no “espaço comunicativo” foi de auxiliar e incentivar essa comunicação entre os atores, de forma a trazer à tona os pontos mais relevantes e/ou interessantes para pesquisa, mas sem interferir com juízo

de valor ou defendendo determinada posição. Neste sentido, os pesquisadores foram “neutros”, sem tomar partido ou juízo de valor, mas participantes na pesquisa.

Como também mencionado por Maurer e Githens (2009), na pesquisa-ação convencional, supõe-se que “seja abordado a partir de uma atitude de valor-neutro, que pode ser frequentemente observado em relações de consultoria”. No entanto, quando pesquisadores e consultores adotam uma postura de valor neutro, os autores argumentam que eles servem, principalmente, aos interesses da administração.

Um outro ponto discordante é exposto por Minelau et al (2015) onde afirma que a pesquisa-ação difere dos demais métodos qualitativos que visão generalizar os achados, teorizar as descobertas. Neste aspecto, a pesquisa-ação não acompanha estes outros métodos qualitativos, pois não possuem concepção generalizadoras.

4 AVALIAÇÃO FINAL

Apoiados em Maurer e Githens (2009) na maioria das vezes, buscam-se soluções que reflitam os valores da administração onde os do praticante da pesquisa-ação aplicam seu conhecimento e perícia ao assunto em questão. Suas decisões e ações são em algum grau influenciadas por suas próprias posições de valor, mas estas não tendem a ser abertamente refletidas e discutidas.

Ou seja, na área da administração podemos dizer que esta pesquisa-ação poderia ser mais bem descrita como administração-em-ação. As ações dos pesquisadores (administradores) frente a uma dada situação em estudo, pode proporcionar que o mesmo utilizando do arcabouço teórico adquirido com os estudos na área, possa contribuir e impactar o ambiente social ao qual está estudando, promovendo relevantes contribuições para sociedade. Trata-se assim de uma pesquisa que não é apenas teórica, distante da sociedade, mas sim uma pesquisa ativa, participante, que interfere na realidade com o objetivo de trazer mudanças significativas para o bem da comunidade.

A abordagem da pesquisa-ação crítica, promove um conjunto particular de ideias e é essencialmente de natureza emancipatória e política (por exemplo, práticas de pesquisa-ação baseadas em teorias feministas ou marxistas), como dito por Maurer e Githens (2009).

Já a pesquisa-ação participativa geralmente se refere à pesquisa-ação realizada dentro desse paradigma marxista de emancipação política. Junto com a pesquisa-ação crítica, visa não só criar conhecimento e resultados em ação, mas também capacitar as pessoas “oprimidas”, através do processo de construção e uso de seus próprios conhecimentos, Maurer e Githens (2009).

Pesquisa-ação ainda enfatiza o engajamento crítico de indivíduos, organizações ou comunidades ao realizar investigações orientadas para a ação sobre questões ou problemas organizacionais. Esse engajamento ocorre através de uma reflexão crítica sobre as práticas atuais, em particular através de um exame das crenças, valores, pressupostos tácitos e modelos mentais que informam e modelam as práticas.

REFERÊNCIAS DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

PETERS, G. Teoria & Pesquisa. **Revista de Ciência Política**, Vol. 20, nr. 2, 2011.

ROSSONI, Luciano; GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo; CORAIOLA, Diego Maganhoto. **Revista Organ. Soc.**, vol. 20, nr. 66, set. 2013.

RESENHA TEMÁTICA 5

HISTÓRIA DE VIDA

Me. Raphael de Moraes ¹
Dr. Rodrigo Cassimiro de Freitas ¹

¹Universidade Federal de Lavras, Programa de Pós-graduação em Administração; Caixa Postal 3037 - CEP 37200-000 - Lavras MG; Telefone: (35) 3829.1446; raphaelmoraисуflа@gmail.com; rodrigocassfreitas@pucminas.br

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das obras resenhadas |
|----------------------------------|---|
| Obra 1: Barros e Lopes (2014) | BARROS, V. A. de; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. de. (Org.). Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional : uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014. p. 41-63. |
| Obra 2: Craide (2011) | CRAIDE, A. A Adoção da História de Vida em Pesquisas sobre a Interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração. In: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade , 3., 2011, João Pessoa. Anais... João Pessoa/PA: ANPAD, 2011. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

A história de vida é um método que vem ganhando força dentro das ciências sociais e não diferentemente nos estudos organizacionais. Conforme a utilização deste método vem crescendo, existe também alguns conflitos no seu uso, assim como a sua própria nomenclatura, pois estudos biográficos, autobiografias, narrativas pessoais, depoimentos e diários sendo

considerados também como histórias de vida, porém de acordo com os textos que nos foram apresentados, apesar de não introduzirem uma forma de como se deva fazer, existe a percepção que há a necessidade da presença de um entrevistador para coletar os dados através histórias de vida. Ao se comparar com a história oral, percebemos que a história de vida é uma forma mais intimista e pessoal para se gerar o conhecimento a cerca de um todo coletivo, sendo desta forma capaz de auxiliar nas interpretações mais sutis de fatos e acontecimentos que possam ter ocorrido em organizações.

Há indícios que a história de vida seja utilizada desde o início dos anos 1900, com estudos sobre imigrantes e suas percepções, houve um certo abandono a este método com o advento das ideias positivistas e foi retomada no início da década de 90, no Brasil, Craide (2011) ainda destaca que devido as peculiaridades que permeiam a nação brasileira, este método demorou muito a começar ser empregado, talvez pelos resquícios do golpe militar.

A história de vida é complexa e leva a necessidade de se compreender algumas questões objetivas acerca do que(m) se pesquisa para conseguir acessar sua profundidade. Há a utilização de entrevistas para a coleta das informações, porém deve-se levar em consideração que uma história de vida não se é conhecida em sua totalidade apenas com poucas entrevistas, mas com novas visitas e entrevistas para se construir. O conhecimento da história construída através da história de vida se dá através da compreensão de cada entrevista num todo, levando-se em consideração que a história de vida individual é utilizada para o conhecimento do constructo coletivo.

Apesar do aumento da utilização da história de vida como um método nas ciências sociais, ainda há uma certa dificuldade na sua implementação e aceitação por teóricos e autores devida à falta de teorias e procedimentos, além da alta utilização da validação do subjetivismo. Porém estes problemas podem ser enfrentados com o fortalecimento do método e sua utilização, pois através dele conseguimos perceber também que podemos conhecer visões diferentes e reconstruir fatos históricos através de pontos de vista diferentes, sempre respeitando o entrevistado e sendo fidedigno a sua história de vida, não a percepções próprias do pesquisador, gerando conhecimento para incrementar os estudos organizacionais.

2 RESUMO DAS OBRAS

2.1 Resumo da primeira obra: Barros e Lopes (2014).

De acordo com Barros e Lopes (2014), a história de vida pode ser utilizada nos mais diversos campos de pesquisa, portanto como isso ocorre, existe uma certa confusão a respeito do que é a pesquisa biográfica, muitas vezes sendo compreendida como biografia, autobiografia, relato pessoal, diário, porém os autores afirmam haver a necessidade de um pesquisador para que haja realmente a história de vida, sendo contada e analisada.

À medida que a vida é constituída por diversos acontecimentos, sejam pessoais, profissionais, elementos sociais, o ser humano constrói sua história, através de reflexões, uso da imaginação ou mesmo da palavra. Não se deve desconsiderar também os gestos, o silêncio e os esquecimentos no constructo, esta historicidade é de suma importância para a geração do conhecimento e das percepções, servindo como ponte entre a história individual e o coletivo. O sentido principal das histórias de vida está em se diferenciar das histórias oficialmente contadas e registradas, o que traz nesta reflexão um passo emancipatório a quem conta sua história.

Existem diversas dificuldades para o uso da história de vida dentro das ciências sociais e até mesmo nos estudos organizacionais devida a sua aceitação por outros pesquisadores devido a sua alta subjetividade, porém deve-se compreender a riqueza que este método como constructo de história pode trazer para melhorias em estudos nas ciências sociais e dentro da administração, porém não deve ser conduzido de qualquer forma para que os estudos que utilizem a história de vida fiquem banalizados e sem melhorem com o passar dos tempos.

2.2 Resumo da segunda obra: Craide (2011).

Craide (2011) tenta nos mostrar uma das implicações da história de vida através da administração aplicando o método em pessoas que mudaram de país por causa da carreira e tiveram que se adaptar a novas culturas, como isso impactou na vida destas pessoas etc. A autora já foi mais metódica tentando mostrar que é possível utilizar estes métodos dentro da administração, abrindo mais um caminho para a utilização da história de vida.

Para se realizar as entrevistas de história de vida, a autora afirma que a primeira função a ser feita é a exploratória, um conhecimento do campo onde se quer coletar as histórias, em seguida

passamos para a fase analítica, onde concepções são criadas, contestações e hipóteses, devendo esta fase estar presente em todo o processo de pesquisa. Os entrevistados têm histórias de vida em dois níveis, o superficial, vivido todos os dias na rotina e o mais profundo, que não é mostrado com facilidade, e o conhecimento do individual gera o conhecimento do todo, além da necessidade do respeito ao entrevistado que se deve ter para realizar esse tipo de pesquisa.

Por fim, a abordagem feita através da história de vida vai possibilitar os pesquisadores a acessar o sentido da realidade que as pessoas desenvolvem acerca de seu mundo, devendo então a interpretação do pesquisador refletir a perspectiva dos atores ao invés de suas perspectivas. Ao analisar os temas de interculturalidade a autora consegue perceber que ao se aplicar alguns passos ela foi capaz de identificar um coletivo e mostrando assim a capacidade de se aplicar a história de vida também dentro das organizações a fim de se obter descobertas que nem sempre são percebidas através dos outros métodos de pesquisa qualitativa e principalmente na construção histórica oficial.

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS À LUZ DO TEMA

A história de vida se apresenta como uma forma mais pessoal de se construir a história, parecendo ser de caráter mais individualista. Barros e Lopes (2014) e Craide (2011) corroboram com relação a confusão que se faz entre história de vida e biografias, autobiografias etc. Estas outras são construídas a partir de visões próprias sobre o singular, sem a utilização de um pesquisador para que se colete estes dados.

Há também a concepção que é através das histórias de vida individuais que irão se chegar ao constructo da história coletiva. Ao se entrevistar um voluntário, o mesmo deve sentir a confiança para passar suas informações ao entrevistador, que deve ser sensível com pequenos gestos, compreensão do silêncio e esquecimento. (BARROS; LOPES 2014 e CRAIDE 2011).

Apesar da utilização deste método dentro das ciências sociais, ainda há um certo problema de aceitação do mesmo, pois as abordagens históricas geralmente se pautam através de estudos documentais e ignora a história periférica. Ao mesmo tempo que podemos perceber um problema de aceitação por estudiosos e teóricos, podemos também identificar a oportunidade

de ouvir vozes que são periféricas e geralmente esquecidas do fato de se produzir história dentro de organizações ou qualquer outro contexto social.

Estas dificuldades, conforme corroboração dos autores, não devem ser vistas como empecilho para a utilização da história oral, mas sim como um incentivo a se desenvolver estudos neste formato, porém estudos organizacionais e qualquer outro estudo seja ele em qualquer área carece de um determinado roteiro para que possua validade e não seja apenas mais um estudo em formato subjetivo a ser feito dentro das organizações, por exemplo.

Assumir posições interpretativas dentro das ciências sociais se mostra como uma forma muito forte para se produzir informações, desde que se ouça atentamente os entrevistados, conhecendo suas mais diversas passagens na vida, para contribuir na administração com este tipo de estratégia de pesquisa.

4 AVALIAÇÃO FINAL

A história de vida pode ser utilizada também nos estudos organizacionais quando se procura conhecer algum outro ponto histórico que não foi apresentado na história oficial da organização, apesar de apresentar suas mais diversas dificuldades pelo alto uso do subjetivismo, acredito que é dentro das ciências sociais e em especial na administração que podemos debater tais questões, pois realmente vivemos subjetividades ao lidar com pessoas e ambientes organizacionais que na maioria das vezes se apresentam como muito mais importantes, mesmo que informalmente, do que as questões objetivas.

Vamos pensar em um exemplo: toda organização, em especial as grandes, geralmente apresenta um quadro com as missões e valores que se espera da organização, porém qual a história por trás daquela marca, aquela formalidade que os empregados de uma empresa vêm? Abrir a possibilidade de outras pessoas falarem suas histórias ali dentro pode ser capaz de contribuir com o conhecimento de peculiaridades dentro das organizações que talvez possam ser até mesmo encaradas como uma inovação e conseqüente melhoria da mesma.

Como o campo ainda aparenta ser novo e enfrenta resistência por enquanto ainda na academia, discutirmos suas implementações são fundamentais, pois é um método qualitativo que aparenta ser capaz de apresentar os mais diversos resultados que pode enriquecer os estudos

organizacionais, trazendo luz a teorias ainda obscuras. Como o Brasil carece de teorias próprias, o uso deste método pode ser capaz de fazer isso, ainda que se leve em consideração não apenas o uso da história de vida, mas também de outros documentos para se fazer a contemplação da história como um todo, mas acima de tudo desmistificando campos ainda não estudados.

O método de mostra de suma importância para se compreender ainda mais as organizações por apresentar recortes ainda não inseridos nos estudos organizacionais, asseverando a história de vida como formato mais biográfico e pessoal, uma visão e construção de mundo individual que coletivamente apresenta o crescimento e a expansão das organizações sendo vista através destas perspectivas.

RESENHA TEMÁTICA 6

HISTÓRIA ORAL

Me. Raphael de Morais ¹
Dr. Rodrigo Cassimiro de Freitas ¹

¹Universidade Federal de Lavras, Programa de Pós-graduação em Administração; Caixa Postal 3037 - CEP 37200-000 - Lavras MG; Telefone: (35) 3829.1446; raphaelmoraисуflа@gmail.com; rodrigocassfreitas@pucminas.br

NOME DA OBRA E DADOS GERAIS

| Nome | Referência das obras resenhadas |
|---------------------------------------|---|
| Obra 1: Ichikawa e Santos (2010) | ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOY, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos . 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 181-205. |
| Obra 2: Cavalcanti e Soares (2016) | CAVALCANTI, E.V.; SOARES, F. da S. História oral entre reflexões e memórias. In: Revista Observatório . Vol. 2 (especial 1), mai., 2016. |

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Os estudos organizacionais e administrativos têm apresentado mudanças que seguem a contemporaneidade. Quando se concebeu a administração e os estudos clássicos, havia uma pesquisa feita de forma mecanizada e positivista, com heranças de métodos herdados das ciências naturais levando em consideração apenas hipóteses que pudessem ser reproduzidas e comprovados.

A história oral, comumente utilizada em estudos antropológicos e sociológicos passa a ser utilizada como forma de se atingir o conhecimento de fatos históricos passados para se compreender o presente, porém encontra problemas até mesmo nos campos da história, onde há uma corrente de historiadores que acreditam que fatos históricos apenas possam ser representados através de documentos escritos.

A história feita através de documentos e escrita possui seu lado positivo e obviamente não deixa de ser válida e importante, porém esta forma de se fazer história que pautou a grande maioria dos fatos que conhecemos foi feita por quem dominava a escrita, ou seja, em sua maioria as elites de todas as épocas históricas. Através da história oral, pessoas marginalizadas são capazes de trazer informações e pontos de vista que podem ser relevantes e servir como base para outras interpretações, apresentando vozes excluídas, porém não menos importantes para as mais diversas construções históricas.

Uma das dificuldades que a história oral encontrava para ser utilizada como fonte de dados históricos válidos, era a incapacidade de se reproduzir um fato fielmente através dos tempos, com aquela ideia de que “quem conta um conto aumenta um ponto”, porém com o advento das mais novas tecnologias como filmadoras, gravadores e mais recentemente os smartphones, fazer o uso deste método para coletar dados ficou além de mais fácil, também uma forma confiável de coleta, pois as histórias orais feitas através da utilização destas tecnologias garantem um arquivamento e posterior acesso para o conhecimento e análise por outros pesquisadores.

Nos estudos organizacionais, a utilização da história oral se mostra de grande ajuda para se compreender o que acontece nas organizações, entender fatos contemporâneos e trazer melhorias ao se atentar para outras questões que não somente arquivos e escritas. A multidisciplinaridade da administração nos permite a aprofundar com as mais diversas formas de pesquisa nas organizações, porém devemos nos atentar a epistemologias e métodos, a história oral não visa negar o uso de outros arquivos e a forma escrita para se fazer história, mas entende que a triangulação destes dados é capaz de trazer informações e conhecimentos mais ricos como resposta as pesquisas.

2 RESUMO DAS OBRAS

2.1 Resumo da primeira obra: Contribuições da história oral à pesquisa organizacional.

Com os mais altos resquícios do positivismo os estudos organizacionais ainda prezavam pelas explicações quantitativas, fato que é refletido até os dias atuais. Ao passar a ver a administração como um campo interdisciplinar de pesquisa, adequando práticas que vem da psicologia e sociologia por exemplo, as histórias orais vêm para se fazer uma análise das organizações no tempo presente, sendo utilizada para ouvir vozes que geralmente são excluídas da formação do processo histórico.

A história oral é compreendida como a história do presente e um novo formato de se fazer história, sendo abordadas três tipos da mesma, história oral de vida, história oral temática e tradição oral. O uso da história oral atrasou no Brasil devido ao golpe militar de 1964, com dificuldades de ser desenvolvida devido aos traumas da ditadura ao se realizar um depoimento, mas a partir da década de 90 houve as expansões nas mais diversas pesquisas, em especial na administração com o uso da mesma. Existem três formas de se compreender a história oral: como técnica, como disciplina ou como método, onde as autoras utilizam a mesma como um método.

Para se realizar uma entrevista de história oral, é ideal ter um roteiro prévio para conduzir a conversa com o entrevistado, saber entender também o silêncio, evitar induções (mesmo levando em consideração que o pesquisador não é neutro), fazer a transcrição das entrevistas, analisar o seu conteúdo e não se esquecer de dois pontos: saber ouvir o entrevistado e solicitar a sua autorização para o uso de tais informações. O uso da história oral em parceria com documentos e escritas podem trazer mais riqueza de detalhes as entrevistas além de ser capaz de revelar muito das práticas organizacionais.

2.2 Resumo da segunda obra: A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração.

Ao se perceber a multidisciplinaridade da administração, há a necessidade de se ouvir vozes para entender o passado e explicar o presente através da história. Neste contexto, a teoria organizacional não pode dispensar o conhecimento histórico para o entendimento das realidades

organizacionais. A autora apresenta um debate sobre as visões da história e nos leva a refletir que a história pode ser feita tanto com a escrita quanto com a história oral na falta de documentos e que isto não deve ser empecilho para a utilização da mesma como método de pesquisa válido e informacional, utilizando a história oral como uma fonte alternativa de dados.

Para se utilizar a história oral, se deve levar em consideração as memórias, que de acordo com a autora, a memória deve estar ligada a um convívio e grupos de referência, portanto para se fazer uma reconstrução do passado dependemos da integração do indivíduo em determinado grupo (organização), grupo esse que será responsável por sustentar as lembranças que auxiliarão nesse constructo, além da essencialidade em se compreender o não dito para se comparar com o que está sendo analisado e seu devido contexto.

Nossos estudos organizacionais carregam com si marcas norte-americanas da forma de administrar, levantando a questão de quem nem tudo é aplicável a nossa realidade e o campo dos estudos organizacionais, como vem sendo feito na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Existem alguns casos brasileiros relatados, porém de grandes empreendimentos e que não é a realidade da maioria das organizações brasileiras. Neste contexto, a pesquisa através do uso da história oral pode auxiliar o Brasil a encontrar e firmar suas raízes, assim como demonstrar a estruturação do pensamento administrativo, ideologias, práticas organizacionais, dentre outros na visão brasileira.

3 COMPARAÇÕES ENTRE AS OBRAS À LUZ DO TEMA

O crescimento do uso da história oral é um fato que tem permeado as pesquisas em administração nos últimos tempos e os autores apresentam um histórico a respeito do uso da história oral frente a outros aparatos utilizado para se construir a história, ambos concordam que história oral é uma forma de se fazer a história no presente e o ganho para as ciências sociais e estudos organizacionais são grandes, pois passamos a ganhar não apenas o passado para analisar o constructo social, mas também a contemporaneidade. “uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É uma alternativa à história oficial, pois é capaz de captar experiências pessoais mantendo um compromisso com o contexto social.”

Pontos importantes como a discussão em qual viés da história oral pode ser percebida, se como técnica, os adeptos deste viés se firmam em questões como arquivamento, utilização de instrumentos para entrevistas como gravadores e filmadoras, já os adeptos da história oral como uma disciplina apresenta discussões importantes, densas e complexas, as vezes até contraditórias, porém ambos tem como premissa a concepção que a história oral trouxe novas técnicas com metodologias e teorias que os reforçam para a utilização nos estudos organizacionais. Os autores também corroboram sobre a importância da utilização dos documentos e escritas para se fazer história, porém com o advento da história oral, fazer a triangulação destes dados enriquece a produção além de dar ouvidos a atores que geralmente são marginalizados do processo de se construir a história.

É de suma importância a construção e o conhecimento do fator memória para a história oral, verificar a inserção em grupos e compreender como essa inserção é capaz de impactar na criação de informações e dados que possam ser analisados e que impactam diretamente no desenvolvimento das organizações, com o objetivo de tornar a realidade organizacional brasileira mais inteligível. A utilização da história oral mais aprofundada nas organizações pode ser capaz de revelar as peculiaridades das nossas organizações e fazer nos libertar das amarras americanas que ainda permeiam nossos estudos.

Por fim, atentarmos para a ética neste método de trabalho é de suma importância, assim como saber ouvir o seu entrevistado. O fato a ser verificado nem sempre pode estar explícito apenas no dito, mas também compreender o silêncio, um movimento, pausas se mostram de grande importância nesta forma de pesquisa, pois podem apresentar mais informações do que o que foi informado através da fala. É bastante peculiar e rico

4 AVALIAÇÃO FINAL

O uso da história oral no campo dos estudos organizacionais pode se apresentar como um método para uma boa coleta de informações que ajude a auxiliar na compreensão das mais diversas organizações existentes no Brasil. Desta forma, o uso dela para a compreensão da contemporaneidade também auxiliará a conhecermos melhor a evolução da administração no Brasil, pois ao se ouvir entrevistados que geralmente não deixam registros de sua participação

dentro de seus grupos (organizações), conseguimos ter acesso a visões diferentes do que vem sido passado de tempos em tempos.

Atualmente, ao possuímos itens de tecnologia que nos auxiliam a coletar dados através de entrevistas, tais como câmeras e até mesmo smartphones, o método de história oral passa a ganhar um aliado a mais e ao mesmo tempo se legitimar como forma de se fazer história pois como os dados podem ser visitados por outros pesquisadores em caso de dúvidas ou inquietações, a fidedignidade do que é transcrito e informado através de entrevistas é facilmente acessível.

Conforme apontado durante as leituras, não existe uma necessidade de se excluir fatos escritos e documentos para análises históricas em detrimento da história oral, porém uma pesquisa que seja capaz de utilizar estes dados em conjunto a fim de enriquecer as mais diversas pesquisas nos estudos organizacionais.

Como é um tema relativamente recente na administração, ainda carece de mais apontamentos a serem feitos para o uso deste método e não apenas sentar de frente a um entrevistado e começar a tentar colher fatos históricos. Conhecer a organização que se pretende estudar é ideal para uma melhor compreensão da mesma, além da facilidade de se ter temas para se introduzir ao se montar um roteiro de pesquisa.

Devemos nos atentar as questões éticas e de como se utilizar os dados aos quais se têm acesso, devido ao grau de comprometimento que determinadas informações podem trazer para a organização que vai ser pesquisada. Não é um método fácil de se coletar tais dados, pois os entrevistados nem sempre irão responder as questões com a objetividade que se espera, trazendo a visão que a história oral também visa a encontrar o intangível, e prestando atenção ao subjetivo. Usar história oral na pesquisa em organizações pode trazer a construção de visões alternativas para o aprimoramento dessas ciências no Brasil, sendo assim de suma importância.